

revista brasileira de estudos clássicos

clás sica



ANNA BLUME
CLÁSSICA

v. 26
n. 2
2013

J. R. FERREIRA, *EURÍPIDES: AS
SUPPLICANTES*, 1ª.ED., PORTO ALEGRE,
MOVIMENTO, 2012, 78 P., 978-85-7195-150-1.

Evandro Luis Salvador*

*Universidade Estadual
Paulista-UNESP

Em 2012, a editora Movimento, de Porto Alegre, publicou uma obra que surpreende por dois aspectos: em primeiro lugar, porque é uma tradução inédita da tragédia *As Supplices*, de Eurípides; em segundo lugar, porque a tradução foi feita por um renomado professor da Universidade de Coimbra, ou seja, a tragédia euripídiana que a editora Movimento publica é genuinamente portuguesa. A publicação vem a preencher uma lacuna lamentável na divulgação dos textos do teatro grego antigo, oferecendo aos leitores o contato próximo com uma tragédia magnífica, ao mesmo tempo em que nos oferece a oportunidade de conhecermos as opções estilísticas e lexicais¹ de um tradutor lusitano.

Dissemos que o autor é renomado², pois se trata de um professor catedrático da Universidade de Coimbra, membro da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos e da Sociedad Española de Estudios Clásicos e pesquisador que realizou inúmeras investigações no âmbito da cultura clássica. Publicou traduções do *Filoctetes*, de Sófocles, *Andrômaca*, *Helena* e, agora, *As Supplices*, de Eurípides.

A obra em questão é composta basicamente de duas partes: uma curta introdução e a tradução propriamente dita, acompanhada de indicações cênicas pertinentes e algumas notas bem pontuais, que ora chamam a atenção para um detalhe literário, ora explicam alguns sinais da crítica textual. Considero, nesse ponto, que o número enxuto de notas de rodapé é uma interferência bastante sóbria do autor porque o leitor não tem sua atenção desviada com detalhes, por vezes, irrelevantes.

Quanto à primeira parte, o autor recorre a uma breve menção ao ciclo épico tebano para chamar a atenção ao que ele denomina “linhas de força que continuam válidas no nosso mundo de hoje” (p. 8), excetuando-se a linha política porque o autor nos remete (por insistentes vezes até!) ao seu estudo sobre os aspectos políticos na tragédia em questão. Tal estudo (1986), que tive a

1. Como, por exemplo, “razias” por “ataques”, “laivos” por “indícios”, “fátuos” por “insensatos”, “cobarde” por “covarde” etc. Há uma enálage na página 12: “A causa das mães dos guerreiros mortos estaria perdida, não **fora** a intervenção de Etra...”.

2. Findam a tradução os dados biográficos e acadêmicos do autor.

oportunidade de ler, pois se encontra publicado pela revista *Humanitas*, é bem profundo e amparado pelos mais proeminentes estudiosos de Eurípides. Contudo, para quem tem alguma afinidade com a tragédia grega, o viés político é facilmente dedutível.

No entanto, muito embora o autor trate com bastante propriedade as tais “linhas de força” do enredo, apoiando-se em passagens da tragédia e na crítica literária, faltou-lhe demonstrar objetivamente de que maneira a tragédia euripídiana é atual, conforme ele anunciara na seção introdutória, quer dizer, a tragédia trata do tema da guerra justa ou injusta, da importância do sepultamento, de aspectos morais e valores humanos, que o autor aborda precisamente, mas não deixou explícito de que modo todas essas questões, tratadas por Eurípides no século V a. C., reverberam no nosso século. Bastaria mencionar a “guerra contra o terror” empreendida pelos EUA e seus aliados, fundamentada na existência das supostas armas químicas do Iraque para, imediatamente, sermos conduzidos ao primeiro episódio do drama, em que Teseu escrutina Adrasto sobre os motivos da guerra de Argos contra Tebas, concluindo que tal guerra fora conduzida por motivos mesquinhos.

No que diz respeito à tradução³, cumpre ressaltar que o autor não opta por verter poeticamente o texto grego, mas o estrutura em linhas que correspondem, na medida do possível, aos versos gregos. É um recurso que julgo relevante para os estudiosos da língua grega, pois permite estabelecer uma comparação entre os textos. A tradução é bastante competente, bem feita e atenta, na medida do possível, ao texto grego. Em que pese a opção de não adotar sistemas métricos específicos, o autor, por vezes, adota uma cadência bastante interessante, buscando, nos recursos de que a língua portuguesa dispõe, modos de acomodar sonoramente os versos gregos. Citarei alguns exemplos.

Na primeira antístrofe, versos 48-51, observamos, no texto grego⁴, a súplica das mães argivas, seguida da tradução portuguesa de Ferreira:

ἔσιδοῦσ' οἰκτρὰ μὲν ὄσσων δάκρυ' ἀμφὶ βλεφάροις,
ῥυ- σὰ δὲ σαρκῶν πολιᾶν καταδρύμματα χειρῶν.

“Contempla as tristes lágrimas que cobrem meus olhos
e os sulcos da carne envelhecida
por laceração de minhas mãos.”

3. O texto grego que serviu de base à tradução de Ferreira foi estabelecido por J. Diggle, *Eurípides Fabulae III* (Oxford, 1994).

4. As passagens do texto grego, editado por Gilbert Murray (Oxford, 1913), foram extraídas do site *Perseus Digital Library*.

O primeiro complemento do particípio à testa do verso 48 é de fácil resolução porque as lágrimas (δάκρυα) são dignas de comiseração (οἰκτρὰ). No segundo complemento do particípio temos uma transposição interessante: ῥυσθ' é um adjetivo que, em tese, deveria qualificar σαρκῶν, que é genitivo objetivo, mas está qualificando καταδρύμματα. O sentido seria “lacerações rugosas das carnes”, entendido como a ação de lacerar com as mãos a pele do rosto enrugada pela velhice. Entendo que o tradutor soluciona muito bem essa transposição e registra com precisão o gesto desesperador e autoflagelante das mulheres argivas ao recorrer ao termo “sulco”, que pode ser sinônimo de ruga, mas que também pode estar vinculado ao domínio agrário, como se as mulheres, assim como o arado, abrissem uma depressão na superfície da pele (o genitivo subjetivo χειρῶν sustenta a idéia de autoflagelação), donde segue que temos uma metáfora. Uma nota: ἐσιδοῦσα é, propriamente, um particípio, mas Ferreira traduz como um imperativo (“contempla”); não vejo isso um problema ou equívoco, mas uma questão estilística, porque o tradutor soluciona com o imperativo a ausência da oração principal no período iniciado pelo particípio.

No verso 598, o autor registra a aliteração do verso grego e ainda recria uma sonoridade interessante em seu interior, que destacamos em negrito, recuperando, na medida do possível, a sonoridade dos genitivos plurais:

ὦ μέλει μελέων ματέρες λοχαγῶν
 “Ó míseras mães de míseros capitães”

No que diz respeito às notas, entendo que elas podem servir de guia explicativo em se tratando de uma obra destinada ao público em geral. Em alguns casos, o autor descarta essa interferência no texto, prejudicando sua compreensão por aqueles que estão tendo um primeiro contato com a peça. Por exemplo, no verso 201-2:

αἰνῶ δ' ὃς ἡμῖν βίοντον ἐκ πεφυρμένου καὶ
 θηριώδους θεῶν διεσταθμήσατο (...)

“Exalto aquele dentre os deuses que a nossa vida
 arrancou do estado de confusão e selvageria (...)”

Creio que uma nota indicando se tratar de uma alusão ao mito de Prometeu seria adequada e instrutiva àqueles que não estão habituados aos assuntos envolvidos nos dramas, pois Teseu, que enuncia esses versos, desfila um rosário de benfeitorias que Prometeu nos concedeu ao desafiar Zeus, o deus supremo. Uma tal informação pode conduzir o leitor comum a “pesquisar” o assunto e – por que não? – aprimorar seu gosto pelo drama grego.

Para finalizar essa pequena resenha sobre a tradução, estudo e notas d'*As Suplicantes*, de Eurípides, levada a cabo por Ferreira, considero que ela atinge um público amplo na medida em que pode ser apreciada por estudiosos da língua e literatura gregas, profissionais do teatro, estudantes de literatura e leitores não familiarizados com o drama grego.

Recebido em maio de 2013
Aprovado em agosto de 2013